Ficha 89

Ano II — Lisboa, 1 de Julho de 1946 — N.º 15

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO

NÚMERO AVULSO 1$00
Assinaturas de 8 números... 8$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro
Administrador
Capitolino Ferreira Macedo
Redactores
Manuel António Palma
Joel Ribeiro

Propriedade do Grupo N.º 94
dos Escoteiros de Portugal

COMP. E IMP.ª: OTTOSGRÁFICA, LIMITADA / CONDE BARÃO, 50 ● REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: TRAV. DE VITORINO DE FREITAS, 9 / AJUDA-LISBOA

Porque não tem progredido o Escotismo em Portugal?

Esta pergunta surge inevitàvelmente sempre que se fala de Escotismo entre simpatizantes do Movimento, e as respostas ou comentários fundamentam-se geralmente em duas opiniões distintas:

O Escotismo não se desenvolve porque o povo português o não compreende; ou o Escotismo tem-se enfraquecido em face de obstruções surgidas.

Em boa justiça devemos declarar que consideramos ambas as respostas erradas e parece-nos que a actividade intensa que temos desenvolvido nos últimos oito anos—exactamente no período de decadência—nos dá particular autoridade para as refutar. Insurgimo-nos mesmo contra o conceito de que o nosso povo não compreende o Escotismo, pois nunca em Portugal se recusou carinho a qualquer obra que cultive as virtudes escotistas e a simpatia, colaboração e bom acolhimento que têm sido dispensados a todas as iniciativas por nós promovidas, provam exuberantemente o contrário.

Quanto ao segundo ponto, nunca as nossas actividades, algumas de vulto, sofreram qualquer obstrução externa. Se ouvirmos as opiniões dos dirigentes daqueles grupos que em diferentes pontos do país florescem e trabalham, todos afirmarão que as suas actividades prosseguem livremente, nalguns casos mesmo, com apreciável auxílio de entidades oficiais.

Todavia, temos de confessar que o escotismo nacional se tem enfraquecido. Desde que os argumentos com que se pretende justificar este facto carecem de fundamento, necessário se torna procurar a sua causa, afim de a remover, combater ou evitar. Usando terminologia escotista apetece-nos dizer que há de *seguir a pista* afim de encontrar a causa ignorada.

Iniciaremos a *pista* pela *patrulha, base de toda a organização.* Logo aqui se nos depara o primeiro erro, pois este princípio fundamental não tem sido cuidadosamente observado. O sintoma mais flagrante verifica-se no facto da patrulha ter sido desagregada para certas actividades, nomeadamente jogos e desfiles, sacrificando-se à beleza de conjunto o que de mais importante havia para estimular o rapaz. Também se não cuidou da formação de guias e as patrulhas falharam. Se é certo que *a patrulha valerá o que valer o guia*, este segundo erro trouxe a anulação das patrulhas como agregado eficiente. Desorganizadas estas, os grupos passaram a viver artificialmente. Estes inconvenientes deveriam ser prevenidos pelo Chefe do Grupo, se estivesse compenetrado do seu papel.

Porém, não se cuidou igualmente da formação de Chefes, muitos dos existentes afastaram-se por falta de colaboração superior, e os grupos passaram a ser confiados ao primeiro elemento que surge, sem haver o cuidado de verificar se possui os requisitos morais, cultura e conhecimentos técnicos indispensáveis. Se para a boa eficiência da orientação dum grupo a escolha do Chefe é condição primordial, deve-se a este erro o facto de muitos grupos terem desaparecido e outros vegetarem, ao mesmo tempo que unidades devidamente chefiadas se desenvolvem progressivamente.

A anulação dos serviços regionais ou a entrega da sua chefia a elementos ineptos foi outra causa do enfraquecimento, pois tais serviços sendo um auxílio precioso para os Serviços Centrais, constituem a melhor assistência que pode ser dispensada aos grupos.

Focados estes aspectos, parece ressaltar que se têm sido possíveis tais deficiências, se não se têm evitado ou, pelo menos, remediado tais

(Continua na 2.ª coluna da 2.ª página)

A DISCIPLINA

A DISCIPLINA impõe obediência?

Claro que sim. E o facto de ter de obedecer parece, à primeira vista, muito simples. Supõe-se que bastará executar aquilo que nos indicam. E pronto, tudo estará certo.

Ora a verdade é um tanto diferente.

Em qualquer organização que se pretenda progredir em bases sólidas, decerto não poderá alhear-se a disciplina. Ela é a base principal onde assenta toda a ideia progressiva.

Sem disciplina nada há de bom que alcance o nível normal que se pretenda verificar, em troco do nosso trabalho aplicado e do nosso espírito de sacrifício. Ela é mola real de todos os triunfos duradouros.

Mas, o que é a disciplina? Será o resultante de uma execução de qualquer ordem que nos dirijam? Será a obediência total e cega a qualquer um que se diga nosso superior? Se assim for, isto é, se formos os executores totais de ordens emanadas de pessoas «superiores», podemos estar satisfeitos connosco próprios, supondo termos sido disciplinados? E se a ordem não for pronta e devidamente executada, incorreremos na indisciplina?

Mas vamos lá analisar o caso mais *terra a terra:*

Disciplina é o acto de obedecer.

Mas essa obediência tem de ser consciente, esclarecida.

Se aqueles que nos orientam forem pessoas de carácter probo e consciente, eleitos por nós próprios, é certo para nós que merecem ser obedecidos na sua esclarecedora orientação. Demos-lhe a nossa confiança. Certamente que, se foram por nós escolhidos para orientadores da nossa obra, é porque os julgamos capazes de saber e querer desempenhar essa tarefa pelo melhor. Portanto, quando eles nos indicam o caminho a seguir, executamos conscientemente esse movimento—porque a confiança é a

(Continua na 1.ª coluna da 3.ª página)

"Escoteiros um dia, escoteiros toda a vida,,

Considerações a propósito da Fraternal

Na secção «Inconfidências» deste nosso jornal li umas alusões irónicas à comissão lisboeta organizadora da *Fraternal dos Antigos Escoteiros.*

Não sei se os gracejos inofensivos tiveram efeito producente, isto é: se tiverem efeito excitante no sistema locomotor dos camaradas visados e a *coisa* vai andar.

Não presumo quais os resultados da medida drástica, que é a ironia aguda, nesses elementos associativos influentes, no entanto, reconheço-lhe a vantagem de ter «levantado a lebre».

Ora, levantada a lebre há que corrê-la, infatigàvelmente, como num jogo escoteiro, até que à alcancemos, conquistando-a para troféu da nossa «patrulha de velhos», troféu que simbolizará o ardor dos «infatigáveis», dos que, ao cabo de longos anos de efectivos trabalhos, ainda encontram em si coragem e vigor para o serviço de reserva, apoio e auxílio que o programa da *Fraternal* compreende.

Ao pensar na organização da *Fraternal*, através do país, filosofemos sobre a fábula do feixe de vimes, isto é, resolvamos conjugar esforços. A «união faz a força».

Auxiliemos a comissão lisboeta. Auxiliemo-la dispensando-a de preocupações, quanto à organização na província. Assim a sua tarefa será reduzida. Limitar-se-á a reunir os antigos elementos da área da capital, o que não é pouco.

Residi em Lisboa, conheço muito bem Lisboa. Visito-a duas ou três vezes no ano. Por isso, não censuro os indivíduos que se comprometeram e ainda não organizaram a *Fraternal.*

Na capital as distâncias são grandes, o trânsito, por vezes, difícil; precários e caros os transportes. A luta é dura para os que vivem da sua profissão.

Em muitos casos há que fazer equilíbrios em dois ou mais ramos profissionais, desdobrando-se, realizando milagres de tempo e de energias.

Sem muito bem como ocorrem essas coisas...

Reunem-se acidentalmente uns amigos, em ambiente fraterno e festivo. Surgem generosamente as recordações, as boas palavras, os belos projectos.

Depois—levantados os pratos—cada um vai para seu lado. Separam-nos os azares da vida, na grande metrópole.

Passam-se semanas, meses, que se não avistam. Os belos projectos, as boas palavras e as gratas recordações esmaecem, diluem-se no seio do tempo, que tudo consome.

E se, ainda assim, algum deles, por fenomenal acaso, recorda o compromisso tomado, não deixará de ponderar a responsabilidade pessoal que assumiria se se lançasse no empreendimento ingrato de sacudir o torpor em que jaz a *velhiaria* escoteira, dispersa nas províncias de Portugal.

Quem são? Onde estão? Como estabelecer contacto?

É grande a vontade de iniciar a tarefa mas, olhando em frente, encarando o porvir, o entusiasta vê, figuradamente, o mapa de Portugal transformado em enorme barranco íngreme e pedregoso que seria preciso transpor, firmando pés e mãos sobre arestas dilacerantes, num esforço titânico. E afasta a ideia como se fosse aspiração inconcebível...

Aqui, na província, o caso passa-se de maneira diferente.

Embora estas terras provincianas não sejam hoje em dia as *parvalheiras* descritas com graça e maestria na obra queirosiana, o certo é que normalmente dispomos de tempo para empreedimentos extra-profissionais, desde que não sejamos amadores da jogatina ou da má-língua, *don juans* em galantarias serôdias e perigosas; sentenciadores de botequim ou de clube, àcerca dos magnos problemas internacionais.

.....

É possível empregar os nossos ócios restritos ou amplos a favor das organizações de carácter social, beneficente e educativo.

Os velhos escoteiros, espalhados no país devem deixar que os nossos camaradas lisboetas cuidem do que lhes pertence.

Não aguardem o incentivo, amável, mas dispensável.

Agrupem-se, nas localidades da sua residência, constituindo núcleos que terão a missão de auxiliar moralmente e materialmente os grupos existentes, de reorganizar os que se extinguiram, de os fundar onde as vantagens do genial sistema de Baden-Powell ainda não chegaram.

Agrupados (ou isolados!) nós os velhos escoteiros da província podemos e devemos actuar a bem do Escotismo, pagando-lhe, em dedicação, a dívida de gratidão de que é credor pelos benefícios de toda a ordem que nos proporcionou.

«Escoteiros um dia, escoteiros toda a vida».

JOÃO TRIGUEIROS

Porque não tem progredido o Escotismo em Portugal?

(Continuação da 1.ª página)

erros, isso só se pode atribuir à insuficiência dos órgãos superiores do Movimento. Incontestàvelmente tem sido e é esta a causa fundamental do enfraquecimento do escotismo português e são dignos dos maiores louvores os dirigentes dos grupos que reagindo, *remando contra a maré*, vêm provando que é possível realizar no nosso país obra escotista de real mérito.

Será de repelir a suspeita de que obedece a intuitos deliberados a inexplicável paralização, iamos a dizer asfixia, a que estão sujeitos determinados e importantes sectores associativos. Queremos mesmo acreditar que tal facto, se deve a circunstâncias que estão acima da vontade dos seus dirigentes, mas o que é facto é que um Organismo como o nosso, não pode, nem deve, ficar indefinidamente estagnado, sem grave perigo para a sua existência. É urgente pois, procurar dirigentes à altura das responsabilidades, caindo pela base a alegação de que os não possuímos. Estão, felizmente, ainda vivos dirigentes que orientaram o Movimento nas épocas de maior brilho e, se uns estão afastados por mero e talvez censurável comodismo, outros não estão dando a sua colaboração porque não têm sido chamados, e não podemos crer que tais elementos não sintam desejo de ajudar a reerguer a Obra que com tanta dedicação ajudaram a criar.

É irrisório atribuir o enfraquecimento do Escotismo a esta ou aquela dificuldades. Teremos nós tido, porventura, dificuldades que se comparem com as dos nossos irmãos que sofreram a ocupação alemã? Países onde ser escoteiro acarretava perigo de morte e onde, apesar disso, o Movimento prosperava. Na França ocupada fizeram-se mais actividades de conjunto, clandestinamente, do que em Portugal se têm feito nos últimos dezoito meses, gozando de completa liberdade.

Na hora em que nós quisermos, o Escotismo progredirá também no nosso país. Não negamos que existam dificuldades, mas essas só nos devem servir de estímulo para que nos lancemos com maior entusiasmo no desenvolvimento da obra que temos em mãos. Não somos escoteiros por caprichosa teimosia, mas porque temos conhecido o valor do Método como obra de eficiente acção educativa. Sabemos que a nossa Pátria pode reter apreciáveis benefícios do Escotismo, portanto, não se justificam mais hesitações, basta de sonolência, chegou a hora do clarim *tocar a reunir.*

A DISCIPLINA

(Continuação da 1.ª página)

base de todos os triunfos. E nem por isso deixaremos de, enquanto executarmos esse movimento, ir analisando, à base da nossa consciência, o que, e para que, o estamos fazendo. Se há dúvidas no nosso espírito, os esclarecimentos serão pedidos e prontamente prestados. Se, uma vez isso feito, se verificar que os que orientam e mandam, por nossa eleição designados para tal, não correspondem à confiança que lhes depositámos,—que haja a crítica clara e livre e, se possível, uma auto-crítica convincente e totalmente esclarecedora.

Torna-se preciso saber qual o nível máximo da execução da disciplina, para não se cair na obediência cega, na obediência de autómato. Para isso, não é demais repisar, carece-se da acção consciencializadora, prèviamente desenvolvida em qualquer grupo que se pretenda dirigir—seja ele escotista, desportivo ou qualquer outro.

Trabalho progressivo e útil, só se consegue com uma acção definida adentro do fundamental de qualquer obra de carácter educativo. E o escotismo, escola por excelência para educar e aperfeiçoar o carácter da Juventude nos problemas do dever e do direito, da fraternidade, da equidade, da consciencialização e de tantos outros problemas sérios que carecem de acertada solução,—só prosseguindo por esta senda, conseguirá a total realização dos objectivos fundamentais da doutrina fraternal construída pelo grande homem que foi o chefe mundial dos Escoteiros: Robert Baden-Powell.

Mãos à obra, camaradas!

Que cada um saiba cumprir, conscientemente, o seu dever de disciplina — para satisfação de todos nós, que formamos a grande família escotista!

A. VICENTE CAMPINAS

DE SINTRA

GRUPO N.º 93

Segundo notícias do nosso Correspondente, este Grupo está em fase de grande actividade e prepara uma importante iniciativa. Não estamos, porém, autorizados a desvendar o segredo, mas chamamos desde já a atenção de todos os Grupos da província, pois, parece-nos, que é iniciativa que por todos pode ser seguida.

Henrique Alves de Azevedo

Este nosso amigo teve a amabilidade de aceitar o convite que lhe foi feito para ingressar no corpo redactorial do «*Sempre Pronto*», tendo tomado a seu cargo as Secções de «História do Escotismo» e «Estrangeiro». Apresentamos as *boas-vindas* ao novo colaborador, certos de que o nosso jornal muito terá a esperar da sua dedicação.

CASAMENTO

Com grande luzimento realizou-se no dia 12 de Junho findo, o casamento do nosso querido amigo Escoteiro-Chefe Engenheiro Agrónomo Jorge Pereira Jardim, com a dedicada escoteira Sr.ª D. Maria Teresa Monteiro de Sousa. Apadrinharam o acto, por parte da noiva, que é filha do nosso amigo Sr. Carlos Monteiro de Sousa, sua mãe, Sr.ª D. Isaura Monteiro de Sousa e seu tio, o Sr. Júlio Félix Almeida Costa; e por parte do noivo os seus pais, Sr.ª D. Odília Pereira Jardim e Sr. Frederico Pereira Jardim.

Entre a numerosa e selecta assistência tomámos nota da presença do Sub-Secretário do Estado da Agricultura Sr. Engenheiro Agrónomo Homem de Melo, Srs. Dr. Francisco Cortez Pinto e esposa, Coronéis Penteado Pinto e Garcez Teixeira, Capitão Augusto Casimiro Ferreira Gomes e a Senhora de Gomes Araújo.

Entre os convidados contavam-se também antigas escoteiras, bem como as Chefes Sr.as D. Clotilde Ferreira e D. René Van Nitzen e os nossos camaradas Srs. Henrique Alves de Azevedo, do Grupo 53; Chefe João Amorim, Alberto e Aníbal Horta, do Grupo 84; Alfredo Pereira Jardim, irmão do noivo, do Grupo 13.

No palacete dos pais da noiva foi servido um finíssimo *copo de água*. Aos brindes, que foi um pretexto justíssimo para prestar homenagem às qualidades de carácter dos noivos, falaram os Srs. Bispo de Helenópele, o Rev. Dr. Diamantino, o Delegado do Comissário Nacional da M. P., e o Sr. Dr. Francisco Cortez Pinto, dos Escoteiros de Portugal, que interpretando o sentimento de todos os escoteiros, realçou as primorosas virtudes dos noivos, que formaram o seu carácter nas fileiras do Escotismo. No final, o Sr. Dr. Cortez Pinto e todos os escoteiros presentes, entoaram as características saudações do *B.R.A.V.O.* e *tu para mim és um bom companheiro*, acompanhados pela assistência.

Terminado o *copo de água* os noivos seguiram para o Norte em viagem de núpcias.

O «*Sempre Pronto*» que se achava representado pelo seu redactor Sr. Henrique Alves de Azevedo, honra-se em publicar a fotografia dos noivos, aos quais renova os melhores desejos dum lar muito feliz e abençoado.



Os noivos rodeados pelos elementos escotistas

O Escotismo através do Mundo

Escotismo Feminino em Inglaterra

Fazendo parte integrante do programa das Celebrações do Dia do Império, realizou-se no passado dia 24 de Maio em Londres, um imponente desfile de 8.000 escoteiras.

A Princesa Elisabeth que tem sido uma dedicada e activa escoteira, tão belamente demonstrado através de todos os escalões por que tem passado, desde sempre *brown* (avezinha) a Chefe das *Girl Guides* (Guias), apresentou-se desta vez com o seu novo uniforme do Comodoro das Rangers Navais (escoteiras com idade superior a 18 anos), cargo em que foi investida, assim que atingiu a maioridade, por ser Herdeira do Trono de Inglaterra.

Apesar da chuva torrencial que caía, o desfile efectuou-se, atravessando as principais ruas de Londres, ao som de marchas militares, terminando com a execução do Hino Nacional Inglês, cantado em coro por todas as escoteiras.

As cerimónias foram relatadas em destaque por todos os grandes jornais e retransmitidas pela B. B. C. de Londres.

H. A. A.

CONCURSO DE 1946

O nosso estimado colega «Ecos de Belém» teve a amabilidade de se referir ao nosso concurso no seu número de 8 do mês findo. Agradecemos reconhecidos.

Campanha para 1.000 novas assinaturas

O "*Sempre Pronto*", necessita de aumentar a sua expansão. É certo que temos razões suficientes para nos encontrarmos satisfeitos com a difusão já alcançada. Mas precisamos de ir mais além. Um pequeno esforço de cada um dos nossos amigos e atingiremos o alvo da nossa Campanha — **1.000 novas assinaturas!** Com tal êxito todos os nossos leitores lucrarão, pois tal aumento de tiragem, tornará possível o aumento de páginas.

E não é difícil. Se cada leitor nos enviar sòmente um novo assinante, teremos não só atingido, mas ultrapassado em muito o nosso alvo.

Hoje temos a registar a entrada de mais os seguintes assinantes:

Srs. João Cavaco, Edmundo Costa Santos, João Sintra Xavier, Hélio dos Santos Roque, todos propostos pelo nosso correspondente Sr. Humberto Martins.

Srs. Armando Brilhante Martins, John Bryant Jorge, Ludgero Ferreira Ribeiro, Dr. Gil do Céu Costa, Fernando Gato, Herlander Filipe Galhano, Dr. José Duarte Ayalla Boto, Ernesto Vasconcelos e St. Julian's Boy Scout Troop, todos propostos pelo nosso correspondente Sr. Francisco Manuel do Amaral.

Directamente os Srs. João Lobo Miranda Trigueiros, José Dionísio Monteiro, Levy Augusto Lobato e Grupo n.º 17. O Grupo n.º 40 de Setúbal subscreveu mais duas assinaturas.

Aos novos assinantes e a seus proponentes apresentamos os nossos agradecimentos,

O número de novas assinaturas fica portanto, em 427.

A CASA DOS RAPAZES DA CIDADE

Vem este jornal dedicando algumas colunas a actividades de amparo à infância e à adolescência.

Ora, uma das obras mais importantes, quer pelos objectivos sociais, quer ainda por a ela estarem ligados nomes de alguns antigos camaradas nossos, é a Casa dos Rapazes da Cidade.

Organização de auxílio aos rapazes da rua, constitui uma iniciativa acarinhada pelo Governo Civil de Lisboa e posta em prática por um grupo de elementos de que fazem parte os nossos amigos Srs. Rui Santos, Ernâni Roque e Eugénio Ribeiro Nunes, que foram elementos de grande prestígio no Movimento escotista.

Por isso, ao elaborar este artigo, pedimos a Ernâni Roque que nos fornecesse alguns elementos sobre a Casa dos Rapazes. Amàvelmente, aquele nosso antigo irmão-escoteiro, hoje como dantes «sempre pronto», enviou-nos uma carta, da qual extraímos as seguintes passagens:

«O sistema, como processo educacional e de recuperação social dos pequenos vadios e gatunos oferece a vantagem de, excluindo o internato e os seus inconvenientes de toda a ordem, obter rápidos resultados de adaptação ao trabalho, por intermédio de empregos a *sério*, em contacto com os problemas reais da profissão e da vida, em vez de fantasias de escolas-oficinas de ensino mais ou menos teórico e de problemáticas esperanças de colocação no final dos trabalhos escolares.

A Casa assegura aos pupilos alimentação, vestuário, calçado, higiene, alojamento e dinheiro para as despesas de distracção aos domingos.

O sistema de abrigos instalados em dependências cedidas por várias colectividades, nas suas próprias sedes, oferece duas vantagens principais:

a) Sob o ponto de vista educacional integra o rapaz num ambiente que o domina (porque nele constitui minoria), levando-o a adquirir os hábitos e maneiras das pessoas mais velhas, chefes de família, operários e empregados, de vida normal, honesta, regrada, com quem diàriamente são forçados a privar;

b) Sob o ponto de vista económico permite fazer por escassas centenas de escudos o que, em edificações próprias, custaria centenas de contos sem compensação educativa possível.

Cada abrigo tem as suas características próprias de ambiência e segundo elas se lhe destinam os pupilos, estabelecendo-se, assim, um sistema de *graus*, do qual os interessados se não apercebem e cujas vantagens são incontestáveis.

Finalmente e ainda sob o aspecto educativo, procura-se manter junto de cada rapaz, diàriamente, por intermédio dos dirigentes da Casa e dos vigilantes seus colaboradores, um serviço de assistência moral, discretamente posto em prática através de trocas de impressões que parece surgirem ocasionalmente e sem qualquer intenção reservada, mas através das quais, na verdade, é possível manter o contacto com os problemas de cada rapaz, com o seu «clima psicológico» de momento, orientando, prevenindo, numa palavra *encaminhando* com todo o jeito o que vem de péssimos antecedentes para uma nova vida, equilibrada, tranquila, sem sobressaltos, onde nada tenham a recear da sociedade».

Quanto à adaptação dos rapazes da rua à vida social, é curiosa a orientação da Casa dos Rapazes da Cidade:

«Todos os rapazes angariam parte dos fundos necessários à sua manutenção—embora, evidentemente, seja grande a diferença entre o que ganham e o que custam. Aliás, apenas se pretende que eles trabalhem, aprendam um ofício ou adquiram prática como empregados em qualquer ramo comercial, por forma a adquirirem hábitos de trabalho, disciplina, correcção e honestidade, sem preocupações de salário. Rapazes entrados com seis meses de cadeia por furto, ganham hoje 700$00 mensais, destacando-se nos empregos pelo seu interesse, correcção e competência».

O comportamento dos rapazes torna-se, de um modo geral, notável, tanto mais se atendermos em que quase todos eles possuem taras hereditárias, aumentadas pela grande escola de deseducação que é a rua. É ainda Ernâni Roque que nos diz:

«As relações entre directores e rapazes estabeleceram-se na base da confiança mútua. O rapaz assume livremente compromissos de comportamento e, quando prevarica, vem espontâneamente acusar a sua falta e reclamar o castigo anteriormente combinado entre ele e o dirigente.

Exemplo flagrante é o de dois rapazes que influenciados por antigos companheiros de vadiagem, praticaram, na companhia destes, um furto por arrombamento de uma vitrina de um estabelecimento; *24 horas depois, apresentaram-se a pedir que os enviassem ao Governo Civil para serem presos. Foi-lhes passada uma carta de apresentação para o oficial de serviço da Polícia no Governo Civil e, sòzinhos, às 11 horas da noite, atravessaram a cidade, desde a Rua de Alves Correia, onde ficam os serviços centrais, até ao Governo Civil, onde se apresentaram, com grande surpresa do oficial a quem iam remetidos.*

São vulgares outras demonstrações de lealdade e honestidade, como a entrega de valores encontrados, desempenho de missões de confiança e de responsabilidade, etc.».

São bem verdadeiras as palavras do Padre Flanagam, no filme «Homens de Amanhã».

—Não há rapazes maus!

* * *

O nosso jornalzinho que sempre tem mostrado interesse por tudo que leve à recuperação social da pequenada em perigo, regozija-se, não só pela vastidão e importância da obra, como, também, por ver à sua frente, como orientadores técnicos, três antigos irmãos-escoteiros que nesse extraordinário método educativo, que é o de Lorde Baden-Powell, formaram as suas personalidades e adquiriram o gosto pelos assuntos pedagógicos, em que se revelam mestres.

MANUEL FERREIRA

O Escotismo na Capital

Grupo n.º 9 Este Grupo continua em boa actividade, tendo realizado diversas actividades de campo e um acampamento no Laranjeiro em 15 e 16 do mês findo.

Grupo n.º 17 Por iniciativa deste Grupo e do n.º 85 realizou-se, nos dias 1 e 2 últimos, um acampamento no Alfeite no qual tomou parte o Grupo 5, tendo sido visitados no domingo pelo Grupo 9.

Grupo n.º 21 No dia 13 de Maio p. p. este Grupo comemorou o seu 5.º aniversário, com uma festa íntima que coincidiu com o baptizado da gentil filhinha do Chefe Veríssimo. Foi publicado um número especial do jornal de parede do Grupo.

No dia 19 o Grupo acampou no Pinhal da Paiã.

Grupo n.º 53 Esta florescente unidade está novamente introduzindo melhoramentos na sua já magnífica sede.

Grupo n.º 79 Esta unidade associativa comemorou no dia 26 de Maio findo o seu 25.º aniversário, com um acampamento na Tapada da Ajuda, que foi muito visitado por amigos do Grupo e famílias de escoteiros.

• • o • •

Dos Amigos do "Sempre Pronto"

Falecimento — Em 2 do mês findo, e depois de prolongado sofrimento, faleceu o nosso saudoso amigo e assinante Sr. Pedro Luís Costa, antigo Sub-Chefe do Grupo n.º 94 e ainda hoje um dedicado amigo deste Grupo. O «*Sempre Pronto*» apresenta sentidos pêsames à família.

O CONCURSO DE 1946

SUPLEMENTO AO «SEMPRE PRONTO»

Redacção e Administração Trav. de Vitorino de Freitas n.º 9—Ajuda

LISBOA

O «*Sempre Pronto*» oferece aos seus leitores um interessante **Concurso**, com valiosos prémios. Todos os nossos leitores podem concorrer, bastando para isso recortar o cupão publicado em cada número, responder à pergunta ou perguntas feitas, e enviá-las à nossa Redacção directamente ou por intermédio dos nossos Agentes e Delegados.

Ficarão habilitados aos prémios individuais todos os concorrentes com a totalidade das respostas certas. Além disso, podem indicar o número do grupo de escoteiros ou núcleo campista a que pertencem ou da sua simpatia, visto que não é necessário ser membro do grupo indicado, que ficará também habilitado aos importantes prémios colectivos.

Os prémios colectivos serão distribuídos aos grupos com maior número de concorrentes.

Os prémios individuais serão sorteados entre os concorrentes.

O concurso termina com o último número publicado no corrente ano.

42 prémios individuais 42 — **9 prémios colectivos 9**

INDIVIDUAIS

PRÉMIO «ANTERO LOPES»—Uma faca de mato sueca, oferta do conceituado estabelecimento de artigos de caça e campo, Antero Lopes, L.da, da Rua Eugénio dos Santos, 31 em Lisboa.

PRÉMIO «VITORINO DE SOUSA»—Um machado, com bainha e defesa de couro, oferta da reputada casa de artigos de campismo e correeiro, Vitorino de Sousa, L.da, da Rua dos Correeiros, 200 e 202 de Lisboa.

6 PRÉMIOS «DOMINGUEZ & LAVADINHO, L.da» — Seis caixas do óptimo papel de carta, de linho, «**Alsacien**», oferta daqueles importantes armazéns de papelarias na Rua da Assunção, n.º 83, em Lisboa.

PRÉMIO «ELECTRO BRILHANTE»—1 lanterna eléctrica com lentes de 3 cores. Oferta da conhecida casa fornecedora de todos os artigos para electricidade e rádio, «Electro-Brilhante» da Rua dos Fanqueiros, n.º 187.

PRÉMIO «BERTRAND»—A interessante e consagrada obra de Júlio Verne «A Ilha Misteriosa», em 3 volumes, oferta da importante editora Livraria Bertrand, da Rua Garrett, 74 em Lisboa.

PRÉMIOS «EDITORIAL MINERVA» — Dois exemplares do livro «Guia de Campismo» de Chaves Mendes, a mais completa obra sobre campismo publicada em Portugal, oferta daquela casa editora da Rua Luz Soriano, 33 em Lisboa.

6 PRÉMIOS «BIBLIOTECA COSMOS»—Seis exemplares da novidade literária **«O Campismo na Vida Moderna»**. Oferta das reputadas Edições Cosmos, da Rua da Emenda, n.º 111, 2.º em Lisboa.

3 PRÉMIOS «EDITORA ARGOS»—Três volumes da colecção «História Maravilhosa»: Kemal Paxá, Amudsen, Masaniello, oferta das conceituadas Edições Argos, da Rua do Ferregial de Baixo, 31, 2.º Dt.º em Lisboa.

COLECTIVOS

1.º Prémio «VIEIRA CAMPOS»

UMA LINDA TENDA CANADIANA, ref. 102/1.208 S. de Lintex, do catálogo da casa Vieira Campos, da Rua da Prata, n.os 215 e 217, de Lisboa, oferta desta importante casa fornecedora de todos os artigos de campismo. Prémio de grande categoria, dada a excelente qualidade e perfeito acabamento da tenda.

2.º Prémio «SPRIL»

Um bom arco e três flexas, de óptimo fabrico, oferta da reputada casa de artigos desportivos SPRIL, da Rua do Loreto, 34, 2.º em Lisboa. Prémio valioso e de grande interesse para o desporto no campo. O «Tiro ao Arco» presta-se admiràvelmente para ser praticado em complemento do campismo.

3.º Prémio «CASA DO DESPORTO»

Uma bola para voleibol e respectivo saco de rede, oferta da conceituada «Casa do Desporto» da Rua da Madalena, n.º 196 em Lisboa, fornecedora de todos os artigos para desporto.

4.º a 9.º Prémios «SINO»

6 Prémios da óptima tinta «Sino»: 1 frasco n.º 5.013 (1 litro); 1 frasco n.º 5.054 (1/2 litro); 1 frasco n.º 1.505 (1/4 litro); 1 frasco tinta Estilográfica (1/8 litro); idem (1/16 litro); 1 frasco tinta carimbo. Oferta dos conceituados fabricantes A. Ferreira L.da da Rua da Junqueira, n.º 233 em Lisboa. Material útil a todos os grupos.

PRÉMIO «PIMENTEL & CASQUILHO, L.da» Uma bússola de bolso, oferta deste estabelecimento de artigos de precisão, Rua Eugénio dos Santos, 75 em Lisboa.

Não deixe de concorrer, demonstrando os seus conhecimentos, habilitando-se aos interessantes prémios, marcando a posição do Grupo da sua simpatia e habilitando-o, também, aos valiosos prémios colectivos.

Em Janeiro de 1947 o «*Sempre Pronto*» organizará uma festa onde será prestada homenagem aos Grupos vencedores do Concurso e aos Grupos Campeões da venda do jornal; serão distribuídos os prémios colectivos e individuais, e serão entregues diplomas a todos os concorrentes que tenham acertado em todas as respostas.



VITORINO DE SOUSA, L.DA

200, RUA DOS CORREEIROS, 202 / LISBOA

TELEFONE 2 7458



Fabricante de material de Campismo e bolas de Futebol e Voleibol



Não comprem • sem • consultar • os • nossos preços



DESCONTOS A GRUPOS DE ESCOTEIROS



TENDAS

E TUDO PARA

CAMPISMO



A CASA DA ESPECIALIDADE

Barracas Sombreiros

TENDAS e material de acampamento

TOLDOS

PARA ESTABELECIMENTOS / PRAIAS
JARDINS (montagens completas)
SOFÁS BALOIÇO

ENCERADOS PARA TODOS OS FINS

Fabrico — Aluguer — Venda — Reparação

VESTUÁRIO DE OLEADO

única pintura maleável e lubrificante

SOCIEDADE INDUSTRIAL DE TOLDOS E ENCERADOS

R. Vale de S.to António, 59-Telef. 25357-LISBOA



ORGANIZAÇÃO MAQUINEX, L.DA

TRAVESSA DAS PEDRAS NEGRAS, 1-3.º

TELEFONE

LISBOA

OFICINAS PRÓPRIAS PARA REPARAÇÕES

De máquinas de escrever, calcular e somar, manuais e eléctricas, duplicadores, etc.
De caixas registadoras de todas as marcas
De aparelhos de cinema amador, mudos e sonoros.
De toda a mecânica de precisão.

Contratos de limpeza e assistência técnica

CONSULTE-NOS SEMPRE ORÇAMENTOS GRÁTIS

Venda, compra e aluguer de máquinas de escritório

A maior e melhor organização do país

SECÇÃO TÉCNICA

Sob a direcção de MANUEL PALMA

Higiene e Campismo

O campismo é uma actividade saudável e, portanto, necessita de ser praticado com todos os preceitos higiénicos. Sabe-se que a mosca é um dos insectos mais perigosos pelo número de doenças infecciosas de que é agente transmissor. Segundo a opinião autorizada do Sr. Dr. Ferreira de Mira, as moscas *são acusadas de poder transmitir a tuberculose, as febres tifóides e paratifóides, as interites infantis, a cólera, a disenteria, as oftalmias purulentas e, porventura, outras doenças infecciosas ainda.*

Nos meios rurais, abundam as moscas em virtude de se acumularem lixos e detritos em montureiras, raras vezes instaladas segundo preceitos de higiene, constituindo por isso campo excelente para as posturas destes insectos que se reproduzem aos milhões.

Torna-se, portanto, necessário conservar os locais dos nossos acampamentos no maior asseio, para evitar a aproximação destes repelentes insectos. São indispensáveis cuidados especiais na instalação de cozinhas, fossas, latrinas e mictórios.

COZINHAS

Não nos ocuparemos agora da parte técnica da sua montagem, para nos referirmos sòmente à questão higiénica.

Todos os víveres devem ser concentrados na cozinha no caso de acampamento de fim de semana, ou em tenda especial quando o acampamento for de maior duração, conservando todos rigorosamente cobertos, de maneira especial, as carnes e peixes, visto que basta poisar neles uma única mosca para dentro em breve estarem cobertos dos seus ovos. Os mesmos rigorosos cuidados se devem ter com os alimentos já cozinhados.

FOSSAS

Retirado do recinto da cozinha, mas perto dela e do lado contrário do vento, instalam-se as fossas, sendo uma para águas e outra para detritos. Estas são constituídas por duas covas de cerca de meio metro de profundidade, mais ou menos, conforme o número de campistas a servir, redondas ou quadradas, preferindo-se as primeiras para águas e as segundas para detritos.

O fundo da fossa das águas cobre-se com uma camada de seixos ou pedras miúdas para que as águas escoem, sem se acumularem. Na fossa dos detritos devem lançar-se todos os desperdícios de cozinha, restos de comida, papéis velhos, devendo ser queimados dentro da própria fossa os papéis e outros detritos combustíveis, sendo mesmo conveniente que se lancem dentro algumas brasas para desinfecção. Ambas as fossas devem ser conservadas cobertas com arbustos ou feno.

Terminado o acampamento as fossas são atulhadas com a terra que dela se retirou para as abrir. Se o acampamento é de maior duração as fossas logo que estejam muito utilizadas devem ser atulhadas e substituídas.

Nunca se deverá lançar no terreno do acampamento ou no campo em redor, papéis velhos ou engordurados e restos de comida, porque, além do mau aspecto, são igualmente um chamariz para as moscas.

LATRINAS

As latrinas são indispensáveis num acampamento. Devem ser abertas em sítio escondido, do lado contrário ao vento e um tanto afastadas. Abre-se uma cova mais profunda que as das fossas, conservando-se a terra retirada, com que se irá cobrindo os detritos à medida que for sendo utilizada. Para isso deve estar no local uma pá ou improvisar uma com uma casca de árvore.

Quando o local da latrina não é suficientemente escondido, esta deve ser cercada por uma serapilheira armada em quatro varas ou por uma vedação de folhagem. Terminado o acampamento as latrinas são entulhadas com a terra que resta e se o acampamento dura vários dias, as latrinas devem ser tapadas e substituídas com frequência e desinfectadas diàriamente com cloreto de cal.

Quando se tratar de bivaques de pequena duração os cuidados não devem ser menores, podendo abrir-se pequenas latrinas, mas nunca em caso algum se devem deixar dejectos a descoberto. Pudesse o nosso exemplo servir de educação para os camponeses e evitar-se-ia a propagação de muitas doenças infecciosas, em especial as enterites infantis, de que são vítimas as criancinhas, que se não sabem defender das moscas. Devemos ter sempre bem presente, e convencer as populações rurais, que o meio seguro de combater a propagação das prejudiciais moscas, é não consentir a acumulação de imundícies e lixos.

MICTÓRIOS

Estes devem ser montados em locais escondidos, segundo o sistema usado para a fossa das águas. Os locais das fossas, das latrinas (o hipopótamo, como nós, escoteiros, lhe chamamos), dos mictórios, devem ser conhecidos de todos os elementos acampados e, quando estes sejam em grande número, devem estar bem sinalizados.

E. R.

■

Insígnias de Capacidade

Cartógrafo

1.º Fazer um levantamento rápido dum terreno irregular com 1 quilómetro aproximadamente, de perímetro, na escala de 1 por 1000, com a ajuda da prancheta e bússola, e calcular a sua superfície aproximada.

2.º Determinar a altura dum ponto ina-

730 m/m	Tempestade
740 »	Muita chuva
750 »	Chuva ou vento
760 »	Variável
770 »	Bom tempo
780 »	» » fixo
790 »	Tempo seco

Mas para que as suas indicações não sejam falseadas é-nos necessário calibrá-lo ao nível do mar em que marca 760 m/m.

* * *

Para avaliarmos altitudes com ele é necessário sabermos que em cada 100 metros, a agulha baixa 9 centímetros como se pode verificar pelo quadro seguinte:

Ang.	Tangente	Ang.	Tangente	Ang.	Tangente
46º	1,035	61º	1,804	76º	4,011
47º	1,072	62º	1,881	77º	4,331
48º	1,111	63º	1,963	78º	4,705
49º	1,150	64º	2,050	79º	5,145
50º	1,192	65º	2,145	80º	5,671
51º	1,235	66º	2,246	81º	6,314
52º	1,280	67º	2,356	82º	7,115
53º	1,327	68º	2,475	83º	8,144
54º	1,376	69º	2,605	84º	9,514
55º	1,428	70º	2,747	85º	11,43
56º	1,483	71º	2,904	86º	14,30
57º	1,540	72º	3,078	87º	19,08
58º	1,600	73º	3,271	88º	28,64
59º	1,664	74º	3,487	89º	57,29
60º	1,732	75º	3,732	90º	—

AGENTES-CORRESPONDENTES

Temos o prazer de apresentar aos nossos leitores os novos agentes-correspondentes do nosso jornal, amigos dedicados que estão colaborando no trabalho do «*Sempre Pronto*», aos quais apresentamos os nossos agradecimentos.

Carcavelos — Sr. Francisco Manuel do Amaral, escoteiro do Grupo n.º 16.

Faro — Sr. José Gonçalves dos Santos, do Grupo n.º 77, substituindo interinamente o Sr. Manuel José Martins por impedimento deste nosso amigo.

Sines — Sr. Joaquim da Silva dos Santos Vaz.

Tavira — Sr. Francisco António do Carmo, do Grupo n.º 59.

Moçambique — Em virtude da divulgação que o nosso jornal está tendo nesta província ultramarina, graças ao esforço do nosso amigo Sr. Alberto Borges de Mendonça, elevámos este nosso representante à categoria de **Delegado** em homenagem à sua dedicação.

Luanda — Não tendo voltado a receber notícias do Sr. António Rodrigues Barbosa, deixámos de ter representante em Luanda.

O «SEMPRE PRONTO»

VENDE-SE EM LISBOA

Na Tabacaria do Café Suíço, R. Primeiro de Dezembro.

Na Tabacaria Boa-Hora, R. Nova do Almada, 64.

Na Bolsa Cultural, Largo do Calvário, 25 e 26.



Grupo n.º 77 — Faro

O Grupo n.º 77 dos Escoteiros de Portugal, comemorou em 19 de junho o 18.º aniversário da sua fundação.

Às 8,30 chegaram os Grupos n.os 6, 59 e 60, respectivamente de Olhão, Tavira e Vila Real de Santo António, e Secções de Olhão e Vila Real de Santo António da Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal.

Ás 11 horas organizou-se um desfile através da cidade pelos elementos acima mencionados e o grupo local, tendo colaborado também neste desfile as nossas irmãs belgas, Comissária Suzanne Cornil e Ivette Bruyndonex.

De tarde realizou-se na sede do 77 um Porto de Honra, tendo feito uso da palavra, o Sr. Dr. Teixeira de Azevedo, digníssimo Presidente da Comissão de Patrocínio do 77; João Trigueiros, da Fraternal; Manuel Leiria pelo Grupo n.º 6, José Pereira pelo Grupo n.º 60, e a camarada belga Suzanne Cornil.

Pelas 16 horas realizou-se uma festa no Ginásio Clube de Faro, na qual o Sr. Dr. João Barros, digníssimo professor de Educação Física e actualmente instrutor de ginástica do 77, fez uma brilhante palestra sobre a educação física em Portugal, incitando os escoteiros a empregarem os seus esforços para o engrandecimento de Portugal.

O camarada João Trigueiros descreveu em rápidas palavras «o que é o escotismo e quais os fins a realizar».

Realizou-se seguidamente o Compromisso de Honra de 21 aspirantes do 77 após o qual os Grupos n.os 6 e 60 e D. A. F. apresentaram alguns números de canto coral.

Grupo n.º 59 — Tavira

A convite do Grupo 6, de Olhão, o 59 tomou parte no acampamento de 8 para 9 de Junho, no Pinhal Bivar, que dista 2,5 quilómetros daquela Vila, no qual também tomou parte o Grupo 77, tendo o Grupo 60 de Vila Real de Santo António sido representado pelo seu Sub-Chefe Manuel Tacão Monteiro, Delegado do «*Sempre Pronto*».

Na noite do dia 8 realizou-se um animado *fogo de conselho* com a presença de elementos da D. A. F. de Olhão, João Lobo Miranda Trigueiros, da *Fraternal* da mesma localidade, Comissão de Patrocínio do Grupo 77 de Faro, e do camarada Jorge Vicente, ex-sub-chefe do Grupo 94. Procedeu-se à regularização do Grupo 59, tendo prestado Compromisso de Honra os seguintes novos escoteiros-seniores: Francisco António do Carmo e Amilcar Palmeira Pereira, Fausto Ramos Assis e Júlio Lino do Nascimento. E os escoteiros juniores: Norberto Raimundo Pereira, João Américo Menau, António Camara da Carro, Américo Jacinto Costa, Daniel Tomé Avelino das Dores, tendo constituído, respectivamente, as patrulhas «Paio Peres» e «Leão».

Por proposta do Grupo 6 foi nomeado Chefe interino do 59 o camarada Francisco António do Carmo, até que os Serviços Centrais se dignem homologar a sua nomeação. Este Grupo continua a funcionar sob a responsabilidade do Grupo 6.

Grupo n.º 64 — Portimão

Segundo comunicação do E. C. Sr. Humberto Martins, há grandes possibilidades do ressurgimento desta unidade. Se este camarada necessitar de colaboração do Sotavento do Algarve, é sòmente comunicar e desde já fazemos votos dos melhores êxitos. — C.

Grupo n.º 6 — Olhão

Em 31 de Maio p. p. este Grupo deslocou-se na sua máxima força a Faro, em visita oficial ao Grupo 77, que nos esperava à entrada da cidade, tendo-se organizado um desfile que percorreu as ruas da capital algarvia. Esta reunião serviu de pretexto para troca de saudações entre os dirigentes dos dois Grupos. Mais tarde estes realizaram uma reunião, durante a qual foram consideradas as medidas a tomar para o desenvolvimento do Escotismo no Algarve.

Em 4 de Junho, sob a direcção do Sr. Dr. Luís Bernardino da Silva, dedicado Presidente da Comissão de Honra e médico do Grupo, foi iniciada uma aula quinzenal de primeiros socorros.

Com grande entusiasmo está a realizar-se neste Grupo um concurso inter-patrulhas, sob a denominação «Honra e Mérito», sendo disputado trimestralmente um galhardete-troféu.

Concurso de 1946

V

Como se chama um instrumento geralmente com a configuração dum relógio, tendo um ponteiro, que se destina a avaliar a pressão atmosférica? .....

As nuvens esbranquiçadas, muito filamentosas, prenúncio de ventos, como se chamam? .....

E estão altas ou baixas? .....

Nome do concorrente .....

..... *Grupo* .....

Morada .....

Localidade .....

..... *Data* .....

Recorte, preencha e remeta ao «*Sempre Pronto*».

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

cessível, a largura dum rio ou ribeira, a velocidade da corrente da mesma, e a distância que separa dois pontos inacessíveis.

3.º Saber ler correctamente uma carta do Estado Maior, e dobrá-la. Com a ajuda da Carta explicar quais as diferentes partes duma paisagem panorâmica, sem erro: (nome de vilas, bosques, direcção de estradas assim como dizer os nomes dos lugares ocultos à vista por montes).

4.º Fazer um croquis topográfico sumário e rápido dum lugar determinado.

5.º Enquadrar uma carta afim de determinar com a ajuda da quadrícula um ponto determinado da mesma.

6.º Traçar um croquis panorâmico em volta dum ponto determinado tomado para estação.

7.º Saber calcular distâncias com um erro menor que 10 %.

Como utilizar a tabela de tangentes

Suponhamos que pretendemos medir a altura de uma torre, prédio, estátua, etc. Antes de mais nada devemos munir-nos dum pequeno transferidor com o qual possamos medir o ângulo feito pelo extremo do objecto a medir, e o lugar em que nos encontramos. Em seguida medimos a distância que vai do lugar de observação à base do dito objecto e conhecidos estes valores é fácil calcular a altura que pretendemos saber.

Exemplo:

Temos uma torre cuja altura nos é desconhecida.

Com o transferidor medimos o ângulo, que para o nosso caso é de 50°.

A distância que vai até à base do objecto é de 44 metros. Vemos a tangente do ângulo de 50° na nossa tabela e nos dá 1,192.

Basta multiplicar esta distância, 44 metros por 1,192 que nos dá o valor de 52m,5 que é a altura que pretendemos saber. Como vêem é facílimo e de extrema utilidade esta tabela para todos os casos.

Barómetro — É o aparelho que nos permite apreciar a pressão atmosférica. Também é usado para avaliar altitudes, mas estes instrumentos são de construção mais cuidada e sensível, sendo no entanto marcados em metros. Aquele que nos interessa é o que normalmente se usa em nossas casas e que já traz gravado no seu quadrante as indicações aproximadas do tempo, as quais podemos dividir em 7 categorias.



O ESTORNINHO

Um dia, no fim do verão, estava sentado à minha secretária, entretido a olhar para o jardim através da janela aberta. Durante muita horas a chuva caiu constantemente, o céu estava coberto de pesadas nuvens, as árvores gotejavam e esta desconsoladora paisagem tanto e de tal modo influia no meu espírito que me tornei quase tão triste como estava o céu.

Sùbitamente, ouvi um bater de asas, entrando logo após um pássaro no meu quarto, vindo cair pesadamente sobre a minha secretária, com um ruído estranho, ficando deitado e imóvel na minha frente. Admirado, olhei-o com mais atenção. Era um estorninho, a cuja perna, pessoas maldosas, tinham amarrado uma pequena haste de madeira... Com desgosto e cólera vi também que a pernita estava partida.

Tendo tirado a madeira, cuidei da perna ferida e preparei, depois, na minha caixa de charutos uma mole caminha, onde depois meti o meu paciente.

Passou algum tempo durante o qual Pip —assim passei a chamar ao meu estorninho —foi cuidadosamente tratado, melhorando a pouco e pouco. Alegre e contente saltitava em volta do quarto onde se sentia como em sua casa; porém, infelizmente, eu devia comprar uma gaiola para o meter quando trabalhava porque, além de me prejudicar com a sua traquinice, era um bocadito porco, pois faltava por completo ao respeito aos meus papéis. Contudo em breve se acostumou à prisão e tinha sempre prazer quando lhe abria a gaiola para lhe dar um pouco de liberdade.

Uma tarde, quando no meu quarto eu andava para trás e para diante com os meus pensamentos ocupados por várias coisas, aconteceu que, quase sem dar por isso, comecei à assobiar a melodia «Deus guarde o Rei».

Não sei quantas vezes assim a repeti, quando Pip, na sua gaiola começou de súbito a imitar-me o assobio.

Se bem que isto fosse a primeira prova, foi de facto um verdadeiro sucesso, o que se tornou magnífico para um velho celibatário como sou; pois comecei logo com o pássaro um exercício sistemático, que a ambos causava um grande prazer. Todas as tardes quando escurecia, acendia o meu velho cachimbo e começávamos a lição. Repetia eu as estrofes uma após outra, o estorninho, com grande paciência experimentava imitá-las como podia. Algumas vezes era para mim verdadeiro prazer fingir que me esquecia da nossa ocupação; mas o meu pequeno amigo é que não tolerava isso. Quando parecia ao Pip que eu já estava calado por muito tempo, começava ele, mesmo com mais energia, lembrando-me que «Deus devia guardar o Rei».

Ó! que inteligente era o querido animalzinho! Com prazer e admiração por várias vezes tinha ouvido o encantador canto dos estorninhos; mas se me tivessem dito que eles tinham a capacidade de poderem aprender uma melodia completa, não o teria acreditado, porém o meu Pip convenceu-me disso.

Chegou luminosa e encantadora a Primavera, estação de suspiros e esperanças.

O que irá acontecer? Pip suspirará pelos seus velhos companheiros, pelas árvores verdejantes, pela liberdade? Se assim for não será pecado opor-me eu aos seus desejos?

Abri então a gaiola, — já tinha aberto a janela—, e, imediatamente, como o vento, Pip voou para a janela em volta da qual andou a saltitar como preocupado, olhando para mim insistentemente como se quisesse perguntar: Dás-me licença que vá dar um pequeno passeio?

Sorrindo acenei com a cabeça e a esse sinal voou para o jardim voltando alguns minutos depois. Na semana seguinte o estorninho visitava todos os dias o jardim tornando-se cada vez mais espaçosas as suas excursões até que uma bela manhã o meu inconstante amigo voou para não mais voltar.

«A ingratidão é a recompensa do mundo», pensei eu com um grande suspiro e, arrumei a gaiola para um canto.

O tempo passou; veio novamente o fim do verão e quase já tinha esquecido tudo.

Então, um belo dia, quando estava sentado à secretária, Pip, o meu querido Pip, entrou no meu quarto e poisou sobre o meu ombro. Fixou os seus olhitos claros ora em mim ora em três estorninhos que, tendo-o acompanhado, ficaram poisados sobre o peitoril da janela.

Verosimilmente, sua família, — esposa e dois filhitos — pensei. E quando durante algum tempo ambos gozávamos o prazer de nos tornarmos a ver, Pip voou para a janela e aconteceu agora o mais admirável de tudo a quanto tenho assistido...

Os quatro estorninhos, postos em linha e virando para mim os seus biquitos, entoaram a quatro vozes o «Deus guarde o Rei».

TRADUZIDO DO ESPERANTO

• • o • •

DO SEIXAL

Grupo n.º 67

Este Grupo realizou o seu acampamento de férias, anual, nos dias 22 a 29 últimos, na Serra da Arrábida.

A Patrulha Búfalo

Folhetim do «Sempre Pronto» Por R. K. E.

Na casa misteriosa

A discussão prolongou-se sempre em volta do mesmo assunto e de repente um dos homens levantou-se arreliado e vinha a sair.

Fred, aflito, procurou fugir, mas era tarde. Estava descoberto. Dado o alarme os bandidos precipitaram-se de revólver em punho sobre a garagem para onde Fred tinha fugido. Este depressa recuperou a calma e deixou-se agarrar por um deles.

— Temos então pardal na gaiola, — disse um e logo outro atalhou — ora aí está como a vida é cheia de contradições: uns choram por cá estar, este veio parar cá voluntàriamente! Mas vamos a saber, que fazias tu aqui ó escoteirinho?

No espírito de Fred travou-se uma tremenda luta. Ia mentir, mas era escoteiro!... Não, não mentiria, mas também não daria resposta directa às perguntas. Respondeu, pois:

— O senhor sabe que o escoteiro gosta de aventuras...

— Talvez as aventuras te saiam caras... — respondem um dos estranhos personagens e logo outro atalhou:

— Que é o teu pai?

— Carpinteiro, respondeu Fred.

— É pena, não dá para o negócio... Voltando-se para o criado:

— Põe este rapaz na cave na casa ao lado da outra. Com o tempo se resolverá explicar o que veio aqui fazer. Mas cuidado porque isto de escoteirinho *é* pássaro *esperto. Amarra-lhe bem os pés e as mãos. — Fique descansado, retorquiu o criado.*

Fred não opôs a menor resistência, e em breve, se viu encerrado numa cave escura, tendo quase junto ao tecto uma fresta fortemente defendida por uma grade de ferro. A fuga era impossível, tanto mais que os pés e as mãos estavam fortemente atados, se bem que isto para um escoteiro da categoria de Fred não consistisse embaraço de maior.

Na sede do Grupo

Mas voltemos à sede do Grupo 325 onde se estão passando acontecimentos interessantes. Passadas que foram as duas horas estabelecidas pelo guia, começaram a chegar os escoteiros da patrulha Búfalo. Dirigiam-se imediatamente ao canto da patrulha, redigiam os relatórios que eram entregues ao guia. Todos tinham recolhido informações que bem examinadas pelo guia pareciam nada dizer que pudesse levar à pista dos bandidos. No entanto, o Conselho de patrulha *reuniria para examinar os relatórios e dar o seu parecer. Mas eram já passadas três horas e o escoteiro n.º 3 não tinha regressado. O guia franziu a testa e não perdeu tempo em reunir a patrulha. Um escoteiro recitou a Lei e logo após o guia informou: — Não podemos examinar os relatórios porque nos falta o relatório de Fred que ainda não regressou, o que estou deveras estranhando.*

— Se calhar foi para casa, disse o n.º 8, ainda pata-tenra *e, portanto, ignorando a* têmpera *do escoteiro. Mas todos, ao mesmo tempo, protestaram — Não senhor, Fred é um bom escoteiro, não desertava. Ele que não aparece está na* pista dos bandidos.

— É melhor ouvirmos o conselho do Chefe, disse o sub-guia.

Todos concordaram e o guia dirigiu-se imediamente ao gabinete e, momentos depois, regressava na companhia do Chefe. Trocados os cumprimentos regulamentares o Chefe disse: — Não julgo que devemos estar apreensivos com a falta de Fred. Ele que ainda não regressou é porque, certamente, alguma coisa de importante descobriu. Mas também pode ter acontecido que a sua perspicácia o tenha envolvido nalguma atrapalhação e nós temos o dever de o ir safar. Algum de vocês viu o Fred?

(CONTINUA)

Conversando

Com os guias de patrulha

Já há tempo que não trocamos impressões sobre o trabalho da patrulha. A falta de espaço não tem permitido, mas hoje aqui estamos. Há dias o guia de uma patrulha da Capital mostrava-se muito triste pelo facto do seu chefe, por motivos imperiosos, estar afastado da vida do Grupo, pelo que este estava inactivo. Imediatamente lhe perguntámos porque não trabalhavam as patrulhas, ao que ele não conseguiu dar resposta satisfatória, até que lhe perguntámos pela sua própria patrulha. Também estava inactiva.

Este guia não tinha a noção do seu cargo. O Chefe do Grupo é necessário para dar orientação às actividades das patrulhas. Porém, estabelecida essa orientação, as patrulhas dirigidas pelos seus guias só têm que iniciar e prosseguir na sua actividade, apresentando os seus programas e relatórios ao Chefe. Se este, por motivos de força maior, tem de se ausentar, os guias continuam o trabalho das patrulhas, dentro da orientação prèviamente traçada. E não haverá maior alegria para um Chefe quando, depois de ter estado ausente, regresse à actividade e encontre as suas patrulhas activas, sempre prontas, unidas em volta dos guias.

O nosso saudoso Chefe Baden-Powell aconselhava os guias a reunir com as suas patrulhas inteiramente sós. *Está na vossa mão — dizia ele — tomar cada um dos escoteiros da patrulha e fazer deles bravos rapazes. O mais importante é o exemplo que vós próprios lhes podeis dar: o que vós fizerdes, os vossos escoteiros farão também. Mostrai-lhes que sois capaz de obedecer às ordens quer elas sejam dadas verbalmente ou por escrito, e que as executais tanto na ausência do Chefe como na sua presença.*

Caros guias! Quando cada um de vós puder apresentar uma boa patrulha, activa, com muitas segundas e muitas primeiras classes, insígnias de aptidão e boas acções, nunca mais haverá grupos inactivos. Mãos à obra!

RIBEIRO

INCONFIDÊNCIAS

Acampamento no Alfeite – Lá estive, nem podia faltar, mas, não se zanguem comigo, não gostei. Duas coisas quero sòmente frizar: Quando há um acampamento de conjunto só deve ser içada em campo uma única bandeira nacional. De contrário dá o aspecto dum arraial.

Quanto ao *cigarro*, meus amigos! onde chegámos!... qualquer dia até os lobitos fumam!

Impressos — Parece-me que os impressos editados pelos Grupos devem ser feitos em ortografia correcta e nem sempre há o necessário escrúpulo. Como ando sempre *à coca* já tenho visto escrever com C *conselfio de guias* e *fogo de conselfio*. Escreve-se com C sòmente a divisão administrativa, por exemplo: *Concelfio de Lisboa. Conselfio*, de *aconselfiar*, é com S. Outro erro comum é *sede*, escrito *séde*. Não meus amigos, *SEDE* não tem acento. E pela moderna ortografia *sede de beber* também não tem.

E..., pronto, Sim, queriam mais?!... Sempre vosso.

OLHO À COCA

IMPRENSA

Gazeta do Sul

Da «*Gazeta do Sul*» de 28 de Abril p. p., transcrevemos a seguinte local:

«**Sempre Pronto**» — O movimento escotista criado por Baden Powell há cerca de 30 anos, com tão larga projecção em todo o Mundo, contou desde o seu início grande número de adeptos no nosso país. Escusado será dizer-se que adeptos e praticantes são exactamente a mesma coisa. A Associação dos Escoteiros de Portugal, organismo director e orientador, representa-o condignamente na nossa terra, dando expansão à ideia escotista, dentro dos moldes em que essa expansão pode ser dada.

Acompanhando o Escotismo Português, afim de tornar mais divulgadas as suas esplêndidas doutrinas, tendentes umas para a maior prática de exercícios de campo, em pleno ar livre, outras para o bem aproveitado trabalho das sedes do grupo, todas com vista a um melhoramento moral e físico da juventude, têm vido a lume na imprensa vários órgãos de propaganda escotista, com maior ou menor duração, segundo as possibilidades publicitárias.

O último jornal escotista a aparecer, com óptimo assunto e aspecto, foi o «*Sempre Pronto*», do Grupo n.º 94 da A. E. P., na Ajuda, em Belém».

Os nossos agradecimentos à «*Gazeta do Sul*» e ao seu digno Director.

Caro leitor:

Interessa-te o SEMPRE PRONTO?

Propaga-o entre os teus amigos.

HOMENAGEM AO SR. LUCIANO SILVA

Durante o acto inaugural da sede da Sociedade Portuguesa de Naturalogia foi sugerida a ideia de ser prestada uma homenagem ao vice-presidente da sua Direcção, Sr. Luciano Silva, obreiro incansável do naturismo e de todas as causas do elevado sentido moral, proposta que a assistência calorosamente apoiou.

Para esse fim constitui-se uma comissão que convida todos os amigos deste obreiro a enviar-lhe as suas adesões para a Sede da S. P. de N. na C. do Marquês de Abrantes, 126-2.º Lisboa.

O «*Sempre Pronto*» associa-se com prazer a tão justa homenagem, pois o Sr. Luciano Silva foi o fundador e primeiro Chefe do Grupo n.º 7, escoteiro das primeiras horas e que, embora afastado do Movimento, continua honrando o *Compromisso* e mantendo-se Escoteiro.

ANIVERSÁRIOS

O Grupo n.º 84 comunica que por não estarem ainda concluídas as obras do edifício da Câmara, a sua festa foi adiada para data a fixar.

O Grupo n.º 94 informa que, por motivos de força maior, em que avultam dois casos de doença, a tradicional sessão solene comemorativa do seu aniversário, terá de ser adiada para data ainda não fixada. Entretanto, o seu 12.º aniversário que passa em 8 do corrente, será comemorado com uma reunião íntima.

ESCOTEIRAS DA BÉLGICA

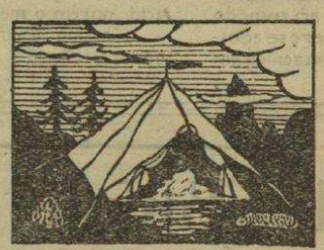
Desde o princípio deste mês que se encontram no nosso país duas dedicadas irmãs-escoteiras belgas.

Mademoiselle Suzanne Cornil é Comissária para o Centro das *Girl Guides de Belgique* e Mademoiselle Ivette Bruyndonex membro da mesma Associação. São duas distintas alunas universitárias, que se dedicam ao estudo da língua e literatura portuguesas.

Têm estado em Lisboa, e visitaram as Secções da D. A. F. de Vila Real de Santo António e Olhão, tendo acompanhado e tomado parte com estas escoteiras nas festas do Grupo n.º 77 de Faro, realizadas em 16 do mês findo.

No dia 24 partiram para Coimbra, hoje seguem para Espinho, regressando no dia 10 do corrente a Coimbra onde esperam estar até 15 de Agosto.

No próximo número, o «*Sempre Pronto*» honrar-se-á publicando um artigo de Mademoiselle Suzanne Cornil sobre o Escotismo na Bélgica.



TIAGO
LIMITADA

RUA DO BENFORMOSO, 57
L I S B O A
(AO TEATRO APOLO)

///

Fabricantes especializados de todo o material de CAMPISMO e PESCA DESPORTIVA

•

FORNECEDORES DE CASAS DA ESPECIALIDADE

•

VENDA DIRECTA AO PÚBLICO

DESCONTOS
A
GRUPOS
DE
ESCOTEIROS

